

## Machado de Assis, Morto Vivo

*Linhares Filho*

*De que maneira a fundo iremos conhecer-te,  
se muita vez estás noutro lugar,  
mil cabriolas a dar  
com a manipulação frequente de um falar  
e dois entenderes?  
O que propões, porém, vamos tateando,  
e o teu pungente riso saboreando.  
Algo fica, afinal, de tuas reticências –,  
mesmo sem se atingir total a tua essência  
e não obstante a previsão de Cubas –,  
também nas duas tais colunas da opinião,  
não só numa terceira, a dos agudos,  
e assim o teu discurso não é vão.  
De além dos vermes que roeram  
as tuas frias carnes  
sem deixar boca para rir  
nem olhos para chorar,  
escuta-me com a alma que restou  
do teu grande naufrágio  
(longe do feroz ágio e do pedágio).  
Aqui estou para dizer-te o quanto  
ainda te ouvimos, lemos e te amamos.  
Ensinaste-nos que há sempre  
uma gota da baba de Caim,  
tanto a vontade como a ação umedecendo  
de indivíduos, de classes ou de tribos.  
Que por batatas uns aos outros se consomem.  
(Quantos, qual tu sem Deus, acham que a morte é o fim!)  
Joaquim Maria, as tuas esquivanças,  
silêncios e trejeitos e artimanhas  
deram-nos luz para a experiência do homem.*

*E, quanto a nado, mar, navegação,  
embora cada um de nós manobre  
bem a seu modo o timão,  
para o leitor abriste uma Escola de Sagres,  
onde muito se pode observar,  
dos olhos de ressaca em tua Capitu  
até os confins da Europa no seu corpo,  
que por Bentinho, enfim, é rejeitado.  
Fizeste de Escobar o próprio rio Cobar,  
para em Ezequiel, homônimo do bíblico,  
denunciar-se por fumos todo um fogo,  
a culpa intencional da sedução de um mar..  
E fizeste surgir a dúvida no ar.  
Ora com **humour**, ora com ironia,  
contra Leibniz puseste Schopenhauer.  
De Laurence e Sterne filtraste  
a sátira menipeia.  
E o vulnerável, mestre, apanhas com mão fria.  
Sobressai-te um vigor: a sensual latência,  
quase sempre consciente e deletéria,  
qual sangue a latejar por dentro de uma artéria.  
Evidenciando aqui, ali insinuando,  
soubeste registrar o desconforto,  
o descontentamento e a frustração  
da nossa humana condição  
desde o emplasto de Brás Cubas  
à solda da opinião.  
E aqui ficamos tristes e inquietos  
com as mil formas de ser da humana Dor.  
Muito amor ainda falta e pão. Faltam mais tetos,  
a paz pública falta e a paz interior.  
Sentimo-nos pequenos e incompletos.*

Da glória arrebatou-se-nos a palma,  
Hoje, além de buraco haver na alma,  
que no teu tempo e já bem antes se feria,  
há buracos no asfalto e em nossa economia,  
várias lesões em corpos pelo cézio,  
e há buracos até na camada de ozônio  
que protege do Sol a pobre Terra,  
a que a nossa ambição tanto se aferra.  
E a interjeição de dor em muitos deste agora  
sem tílburis, lampiões a gás na rua, alcaides  
-- ai, ai! – enfatizou-se tanto, tanto,  
que eles a sua dor gritam em AIDS.  
Mas resta uma esperança, a de que um dia,  
segundo está em Dante e em Bento Santiago,  
nós nos encontraremos renovados  
tal como as plantas novas,  
além da lágrima e do riso,  
além de qualquer jogo ou quaisquer provas.

Se o mundo mostras sempre negativo,  
passas de vivo morto a morto vivo.  
És trágico, mas és eterno na arte.  
Por isso, estou aqui para saudar-te.  
Das nuvens não cairás nem de um terceiro andar.  
Sei que **Oblivion** jamais te pode apear.  
O olvido esquecerá quem o lembrou tão bem...  
E de Saturno não te atingirá o desdém.  
Habitas aureolado o símbolo, meu bruxo.  
Por tudo o que tu foste e és, te amamos!  
De louro te ofertamos novos ramos  
pela meia palavra, a sugestão,  
a agudeza do olhar, as linhas do debuxo,  
a tradução da alma e o bom uso do não.  
Até o dia, afinal, da grande muda!  
A Dor dos que ainda ficam te saúda!